

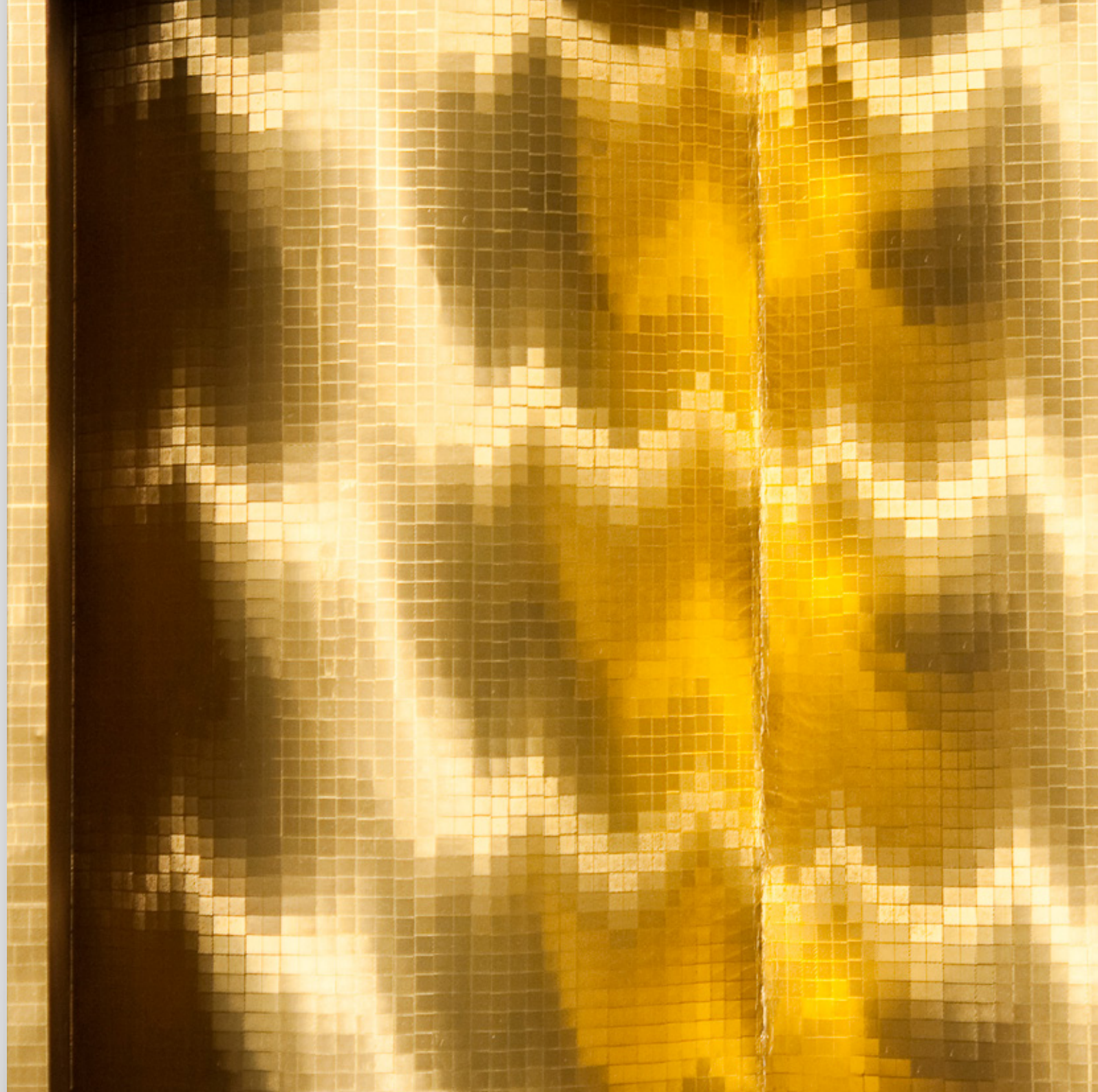
nara roesler

heinz mack paragold

curadoria de
matthieu poirier

2 de setembro
quinta-feira, 10h–20h

nara roesler são paulo
2 set – 30 out, 2021



Nara Roesler São Paulo tem o orgulho de anunciar *Paragold, a alquimia cinética*, primeira individual de Heinz Mack (n. 1931, Lollar, Alemanha) no Brasil, celebrando o início de sua representação pela galeria. A mostra, com curadoria e texto de Matthieu Poirier, apresenta uma seleção de obras, entre esculturas, pinturas e trabalhos em papel, produzidas entre 1955 e 2020, oferecendo ao público a oportunidade de descobrir tanto a produção histórica do artista, quanto seus desdobramentos mais recentes.

Ao longo de sua trajetória, Heinz Mack desenvolveu uma produção artística original marcada por investigações com a luz, a cor, a temporalidade e o movimento. Mack iniciou sua carreira na década de 1950, ao fundar o Grupo ZERO (1957–1966) ao lado de Otto Piene em 1957, ao qual viria a se juntar Günther Uecker, em 1961. O objetivo do coletivo estava em criar um espaço desprovido de estruturas prévias, um lugar silencioso no qual poderiam ser originadas novas possibilidades. Mack também manteve contato próximo com Yves Klein, com quem desenvolveu uma grande amizade que os levariam a colaborar em inúmeras ocasiões, e que seria responsável por lhe apresentar a Jean Tinguely, revelando um universo de

experimentações que informaram sua própria busca pela pureza estética, pelo essencial.

Em suas próprias palavras, Mack sintetiza: “O objetivo é alcançar a clareza pura, grandiosa e objetiva, livre da expressão romântica arbitrariamente individual. Em meu trabalho eu exploro e busco fenômenos estruturais, cuja lógica estrita eu interrompo ou amplio por meio de intervenções aleatórias, ou seja de eventos fortuitos.”

Em consonância com esse pensamento, a prática de Mack passou a se apoiar em três pilares principais – luz, movimento e cor –, que ele explorou por meio de uma produção variada que vai desde esculturas cinéticas, estruturas em metal ou espelho, até projetos de *land art*, assim como pinturas compostas por modulações cromáticas. A exposição propõe uma seleção de obras que compõem as fases fundamentais das investigações do artista.

agende sua visita

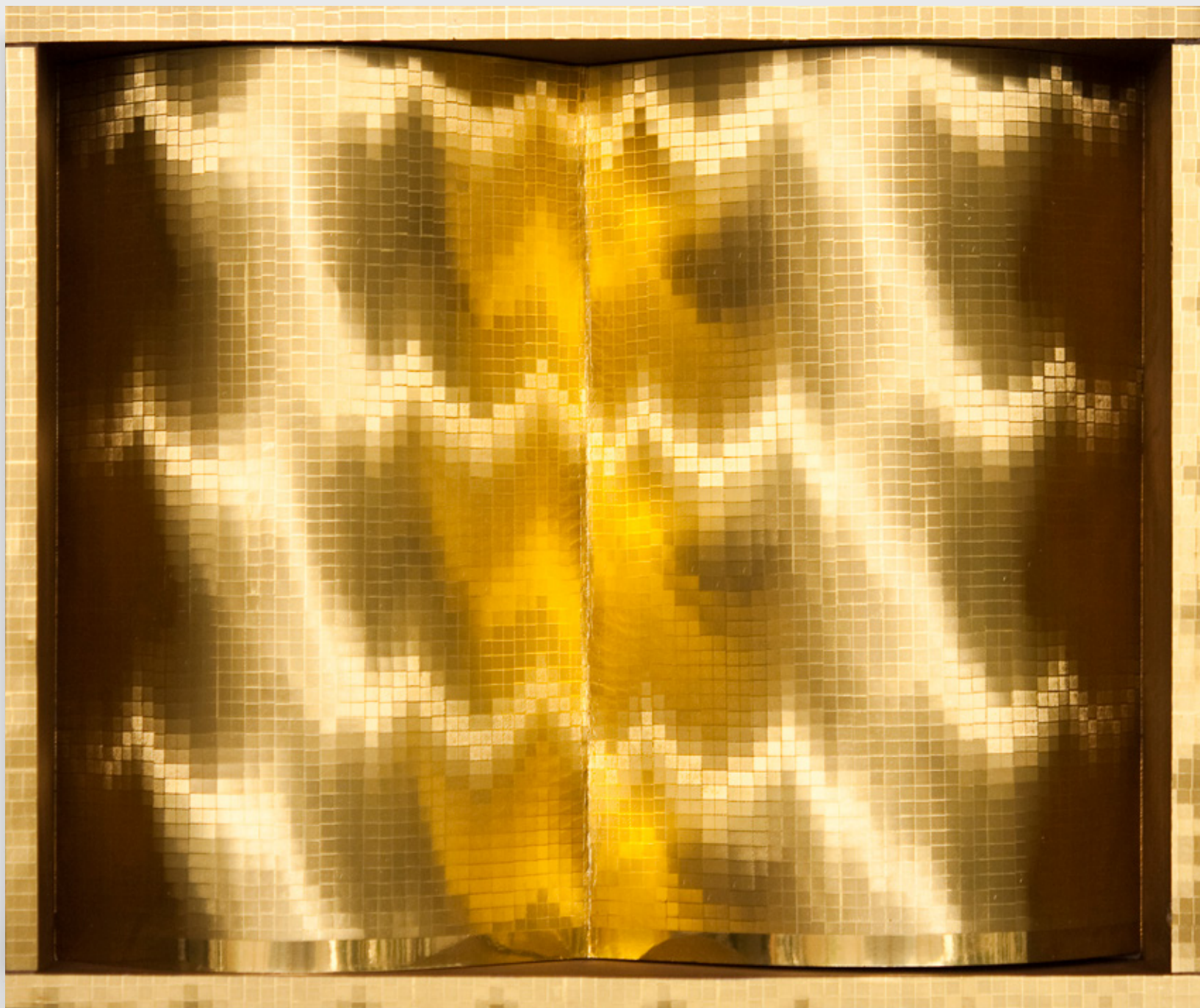
Um mundo sem arte seria
como o céu noturno
sem a luz das estrelas.
Elas aparecem meteóricas
ideias inesperadas –
Vistas apenas por poucos.

Pinturas e esculturas são
Planetas solares e te fazem esquecer
O profundo negror noturno
Do qual emergem.

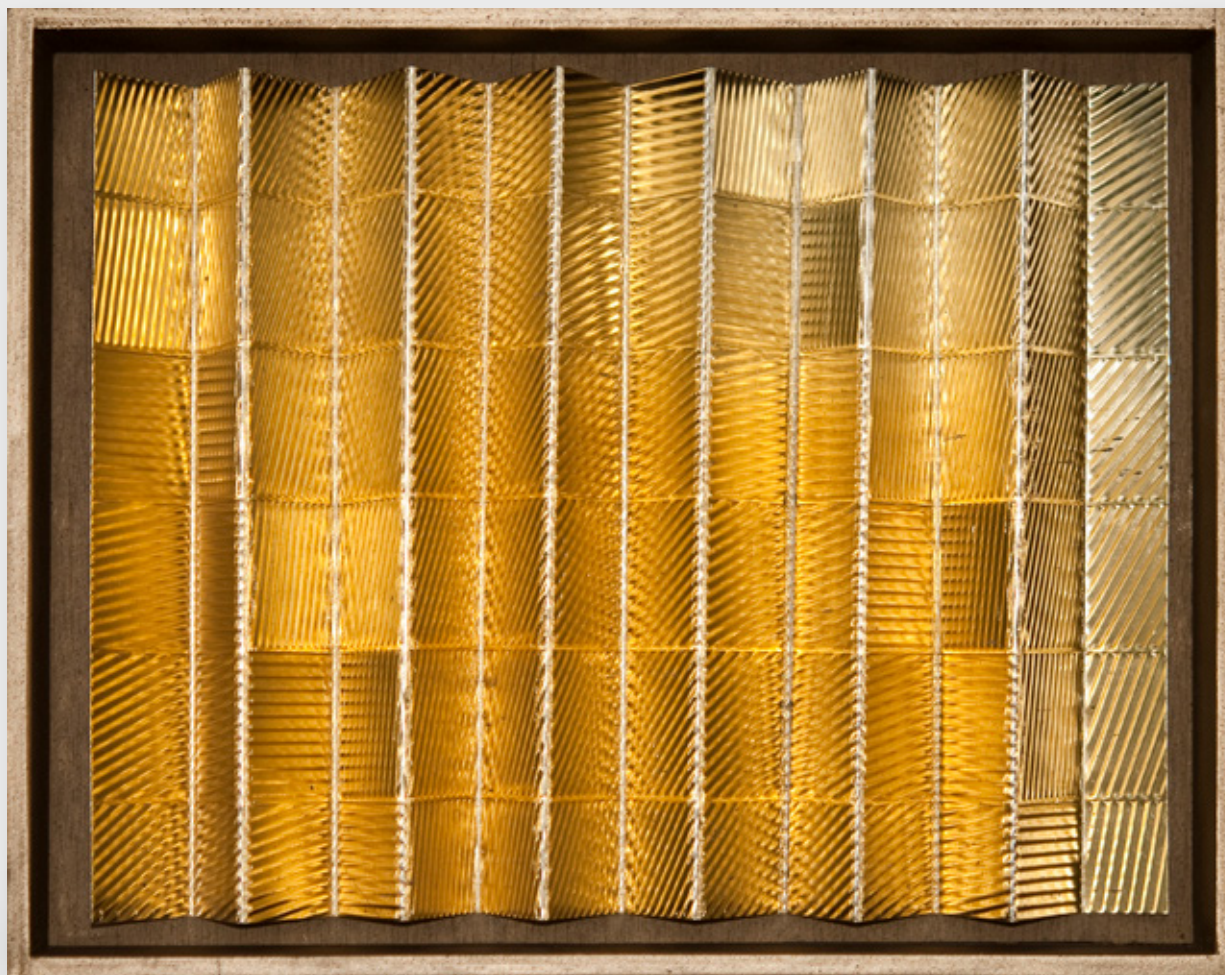
Um mundo sem arte seria
Um mundo cinza entre dia
E noite, no qual o tempo fica
parado em um quarto vazio
Sem sombra, mas também sem luz.

A arte expressa
Que o mundo cinza seria
insuportável.

—Heinz Mack



Sem título, 1977
folha de alumínio sobre
papel, madeira e acrílico
33 x 40 x 8 cm



esculturas douradas

No início de sua carreira, Mack começou a produzir uma série de esculturas que buscavam criar uma forma de arte cinética que não dependesse do movimento motorizado, mas das variações naturais da luz. Ao esculpir manualmente ou mecanicamente superfícies de metal em estruturas que se assemelham a grades, Mack criou volumes em baixo e alto relevo em diferentes profundidades e alturas. Uma vez expostas à luz, as esculturas refletem em intensidades variadas, revelando mudanças pela intensidade do brilho e das sombras, a depender de sua localização, posicionamento angular e hora do dia. Os painéis de metal transmitem a luz em ritmos diferentes, criando uma forma de arte cinética que combina luminosidade e movimento por meio da manipulação não mecânica desses elementos. Essa variação natural gera uma percepção de dinamismo produzida por movimentos que se valem apenas do elemento fundamental para os fenômenos ópticos: a luz em sua forma pura.

Sem título, 1977
folha de alumínio anodizado
dourado, madeira e acrílico
35 x 44 x 6 cm





Open Bronze Cube, 2001
bronze patinado e polido
4 partes de 71 x 71 x 70 cm (cada)
suporte: 10 x 35 x 35 cm
base: 4,5 x 115 x 115 cm
pedestal: 30 x 55 x 55 cm

Five Cardinal Points, 1970
aço banhado a ouro
55 x 47 x 47 cm



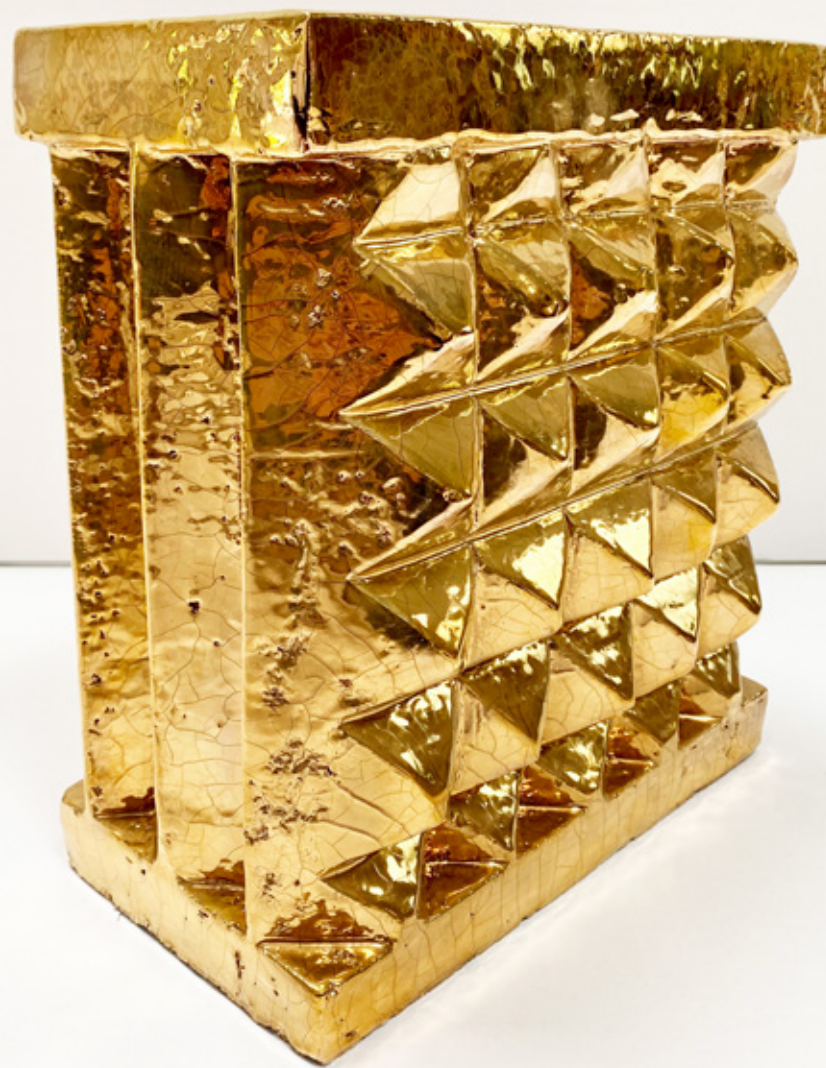




Meridiana in Gold, 1995
madeira folheada
a ouro e metal patinado
2 partes de 56,5 x 84,5 x 2 cm (cada)
disco: ø 60 cm
pedestal: 101,5 cm (altura)



Sem título, 1971–2004
aço inox, acrílico, madeira e motor
53 x 53 x 14 cm

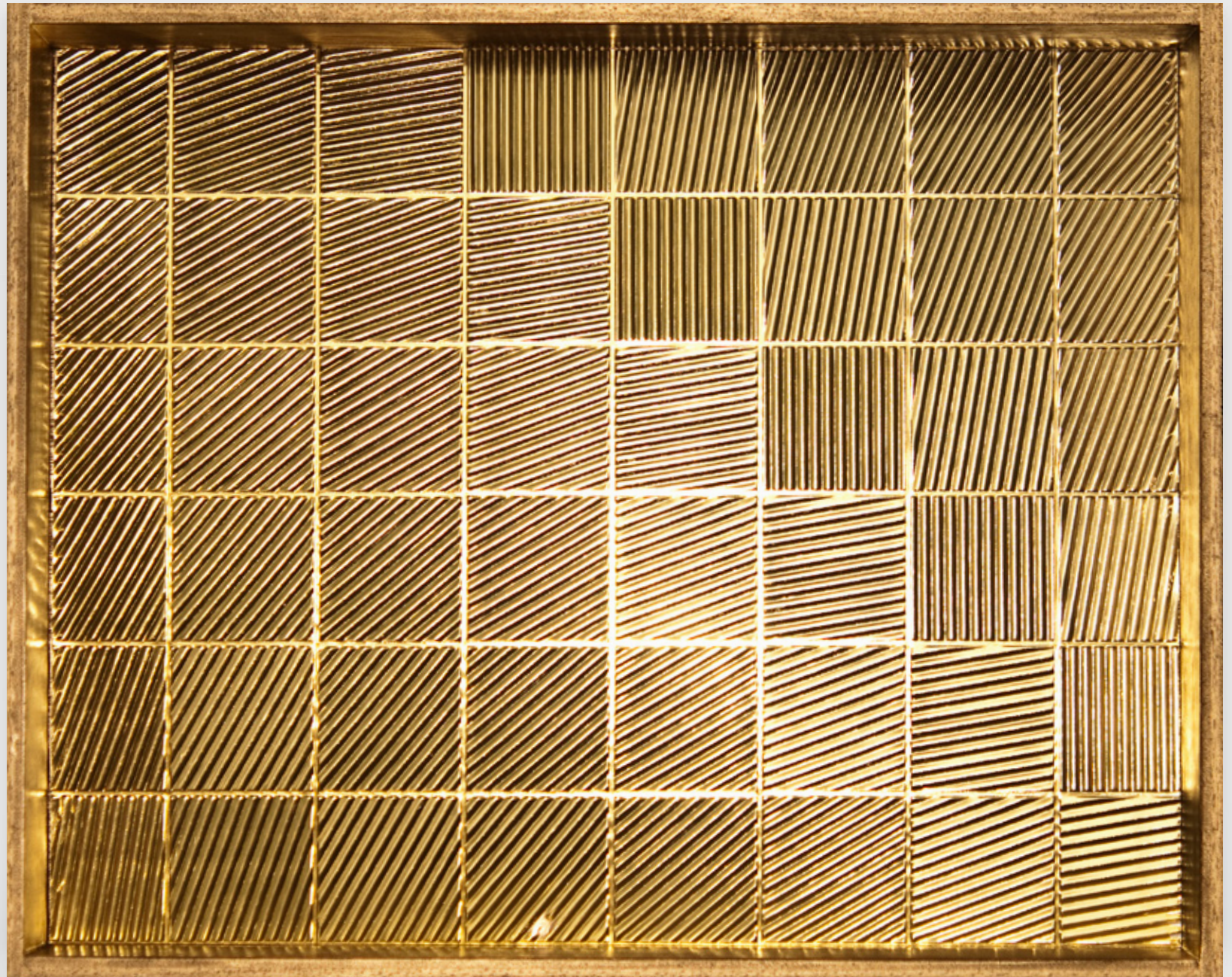


Sem título, 2009
cerâmica vitrificada e ouro polido
31,5 x 28,5 x 15 cm



Sem título, 1977
cerâmica vitrificada e ouro polido
16 x 9 x 7 cm





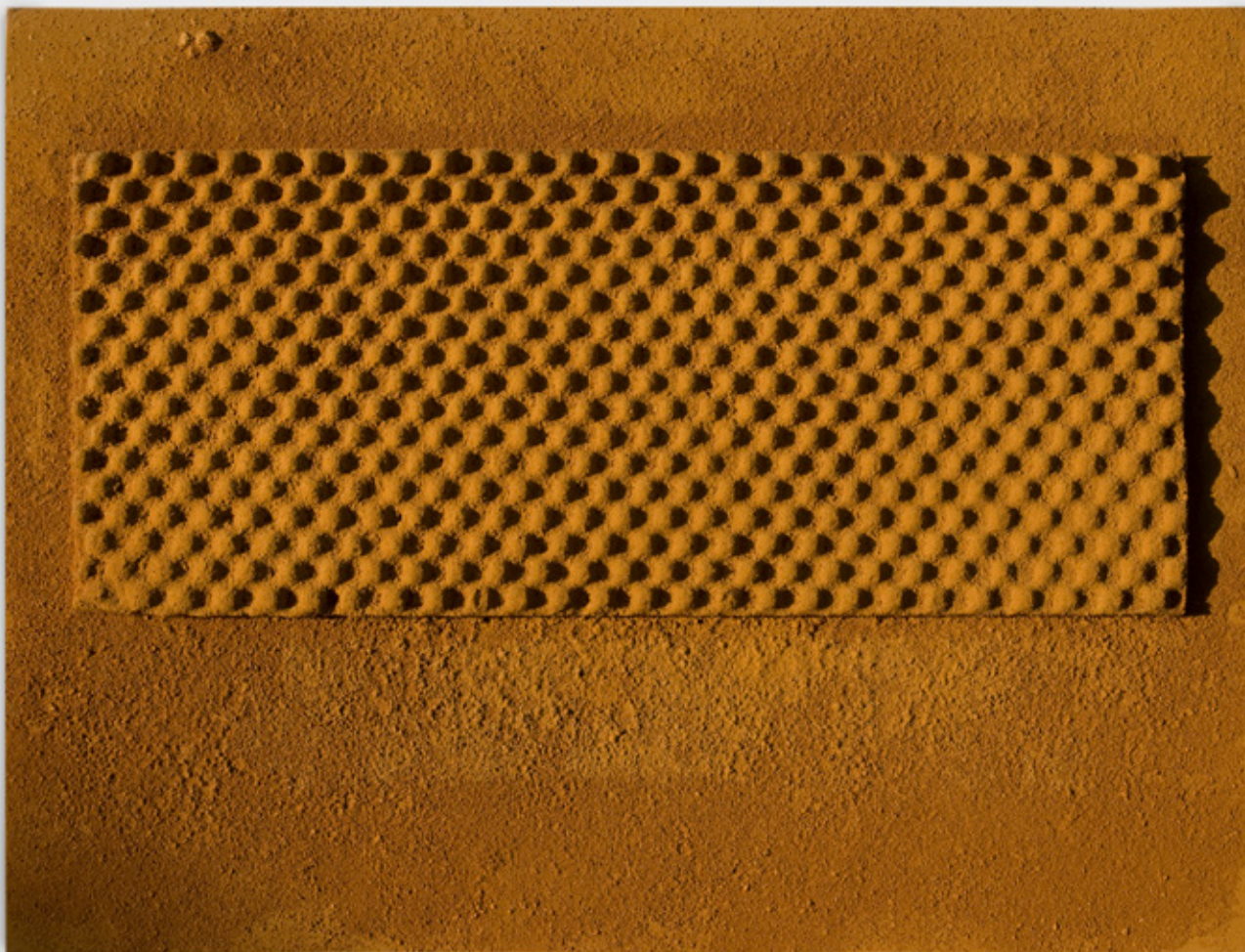
Sem título, 1977
alumínio anodizado,
madeira e acrílico
37,5 x 47,5 cm



Golden Mountain, 2011
bronze
32 x 50 x 20 cm



Heinz Mack no Grande Erg Oriental, 1976

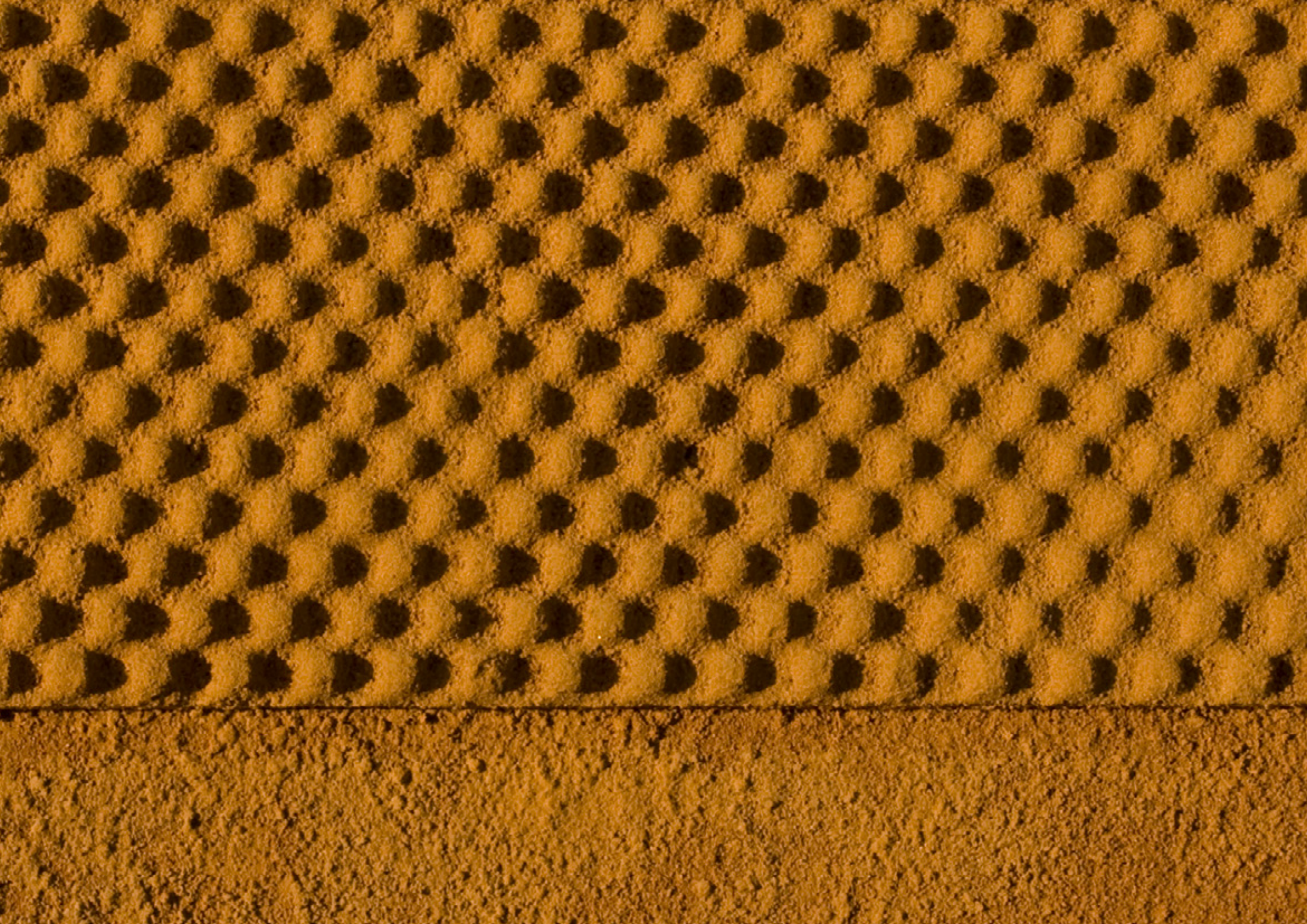


grupo zero

Em 1957, Heinz Mack e Otto Piene – ao qual mais tarde viria a se juntar Gunther Uecker – constituíram o Grupo ZERO, que visava redefinir o campo pictórico, levando-o a uma tábula rasa que permitisse uma construção livre e desenfreada. Os artistas apelaram ao uso da luz, do ar, do fogo e da água como materiais estéticos, de forma a expandir as possibilidades do campo para além da tradição pictórica.

Durante o tempo em que colaborou com o Grupo ZERO, Mack desenvolveu um corpo de trabalho caracterizado por investigações com a luz natural, criando esculturas, pinturas e trabalhos em papel que desencadeiam a sensação de movimento, de vibração, sem intervenção mecânica, mas baseando-se puramente nas transformações naturais na luz.

Sand-relief, 1966
areia, madeira e acrílico
68 x 91 x 3 cm



A partir de 1958, Mack começou a produzir esculturas em superfícies de metal com relevos em diferentes ângulos. Conforme a luz atinge a superfície desses volumes em alto e baixo relevo, em diferentes profundidades e alturas, ela é refletida em variadas intensidades, revelando mudanças pela intensidade do brilho e das sombras, a depender de sua localização, posicionamento angular e hora do dia. Mack também tomou interesse pelas manipulações da luz em relação ao espaço, seja ele fechado, ou ao ar livre, integrando o ambiente em suas composições. Os painéis metálicos espelham a luz em diferentes ritmos, criando uma espécie de arte cinética capaz de combinar luz e movimento sem nenhum tipo de manipulação motorizada. Essa variação natural, então, gera uma percepção de dinamismo produzida por movimentos que se valem apenas do elemento fundamental para os fenômenos ópticos: a luz em sua forma pura.



Veil of Light, 1964
alumínio, acrílico e aço inox
172 x 132 x 62 cm
suporte: 2,5 x 120 x 50,5 cm

—
Sem título, 1958
madeira, espelho,
alumínio e aço inox
122 x 25 x 40 cm
suporte: 2 x 25 x 40,5 cm



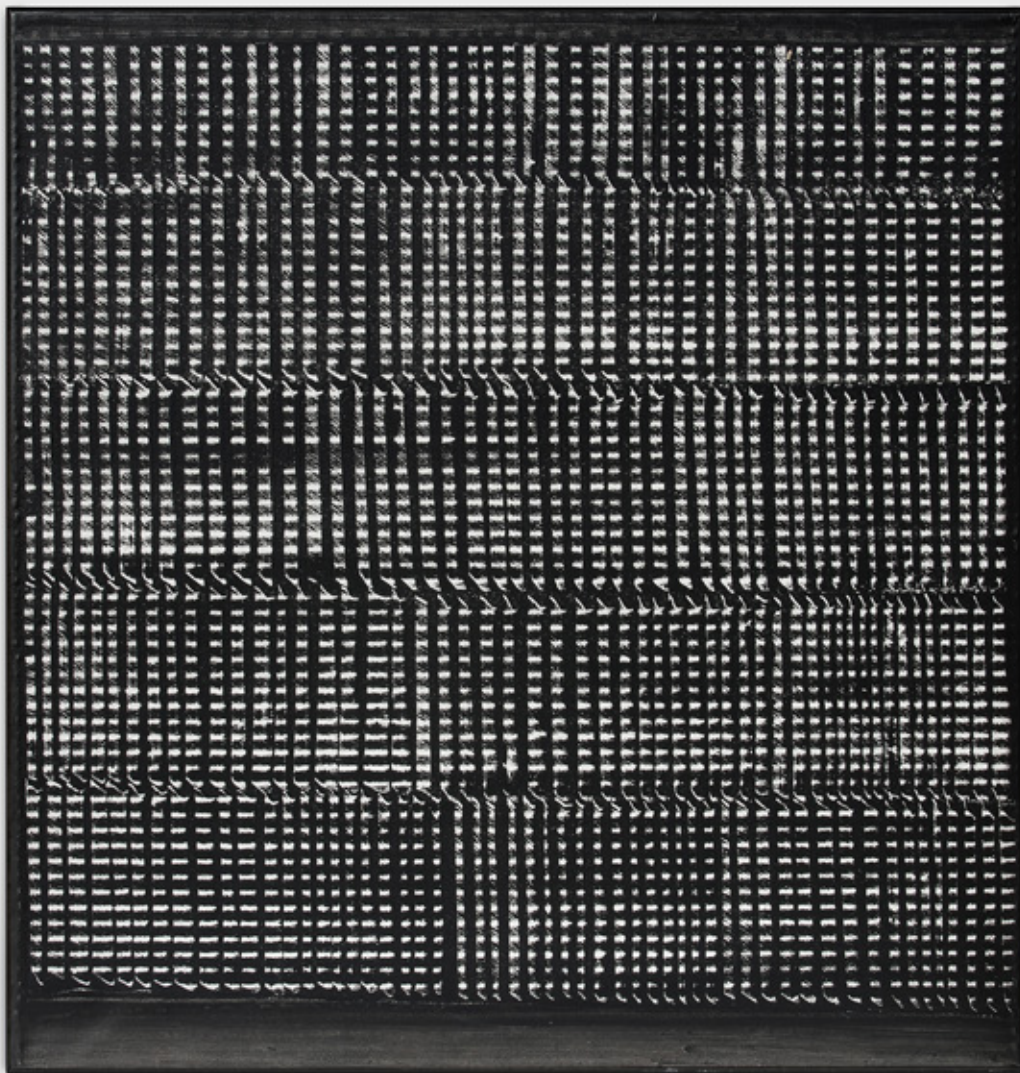


La Lune en Rodage, 1961
aço inox
51 x 62 x 62 cm



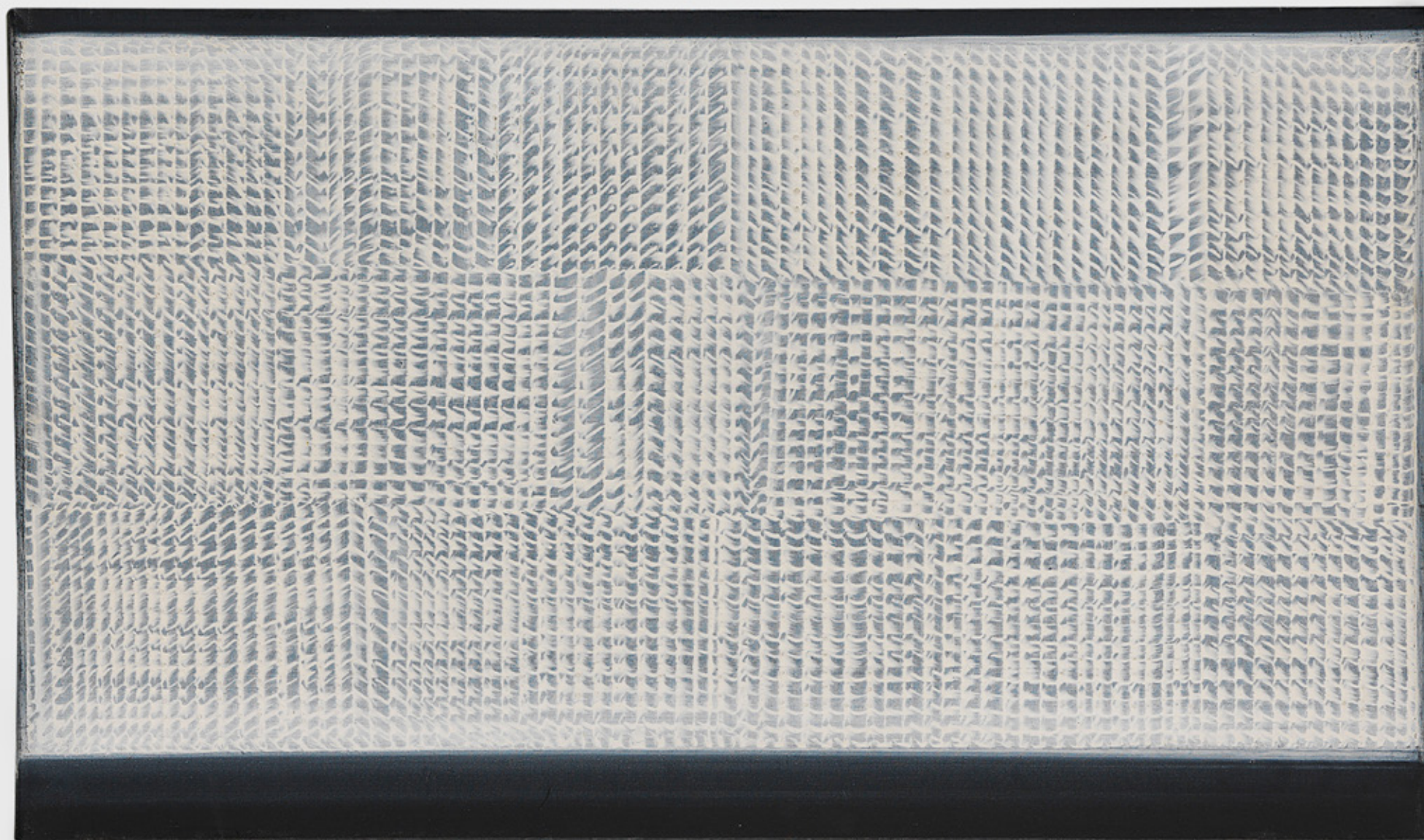






Além disso, Mack desenvolveu uma técnica de frottage que consistia em transferir para o papel a textura de uma superfície, fazendo uso de alumínio e outros materiais. Nesse sentido, o artista produziu estruturas metálicas ou em madeira, que colocou sob o papel, esfregando-as para que as formações subjacentes imprimissem na superfície, tornando-se parte do processo e da obra final. Com isso, o artista traduziu a luz e as sombras de uma superfície bidimensional em jogos plenos de ritmos em preto e branco, por ele descritos como “campos de energia”. Nas palavras do artista: “uma oportunidade inesperada de tornar o movimento estético visível surgiu quando eu pisei por acaso em um pedaço fino de papel alumínio que se encontrava sobre um tapete de sisal. Quando peguei a folha, a luz começou a vibrar... Meus relevos metálicos – prefiro chamá-los de relevos leves – são formados unicamente pela pressão dos dedos, e não pela cor; eles precisam de luz para ganhar vida”.

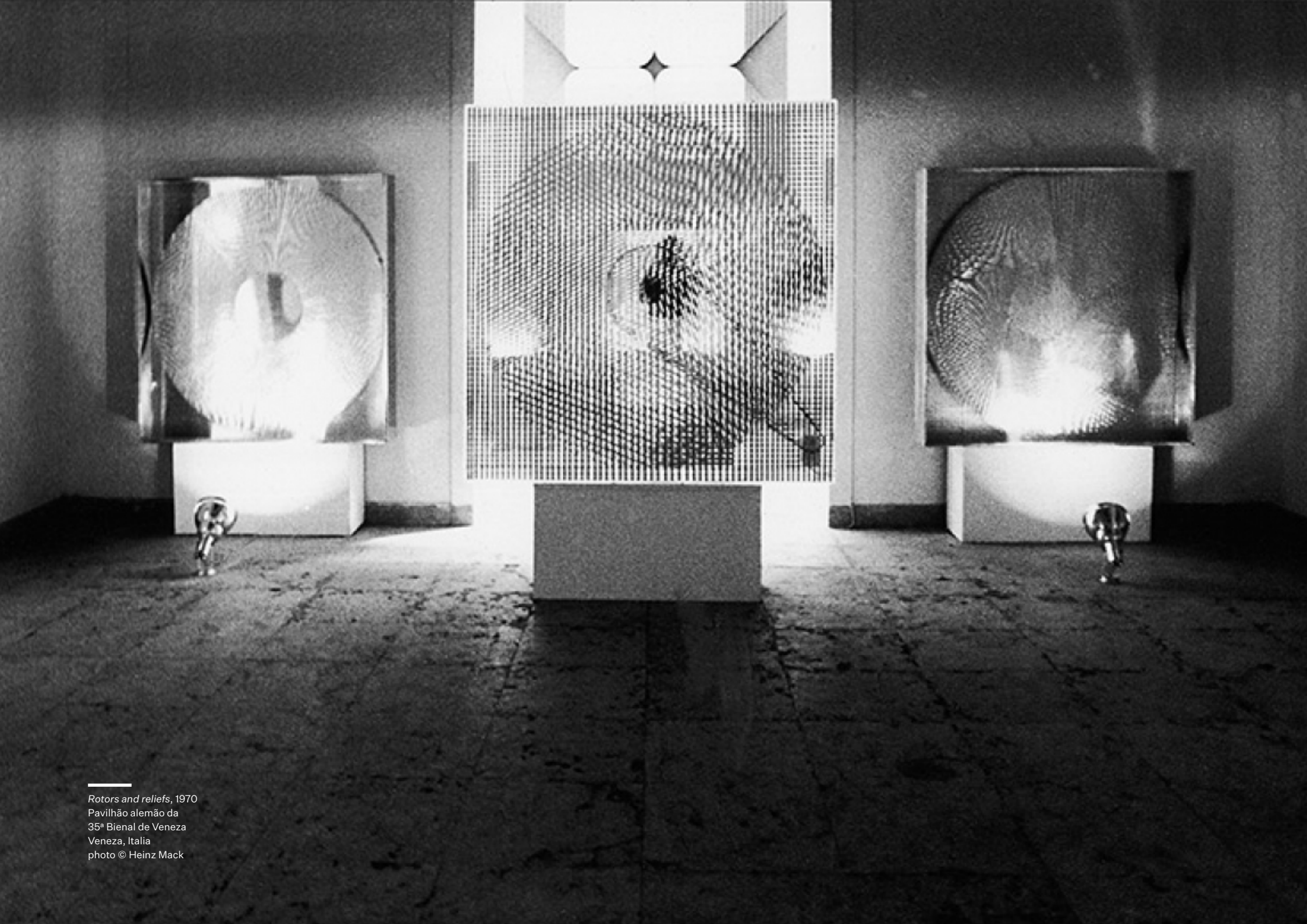
Sem título, 1959
resina sintética sobre tela
163,5 x 158 x 6,5 cm



Sem título, 1959–1960
resina sintética sobre tela
70 x 105,5 x 6,5 cm



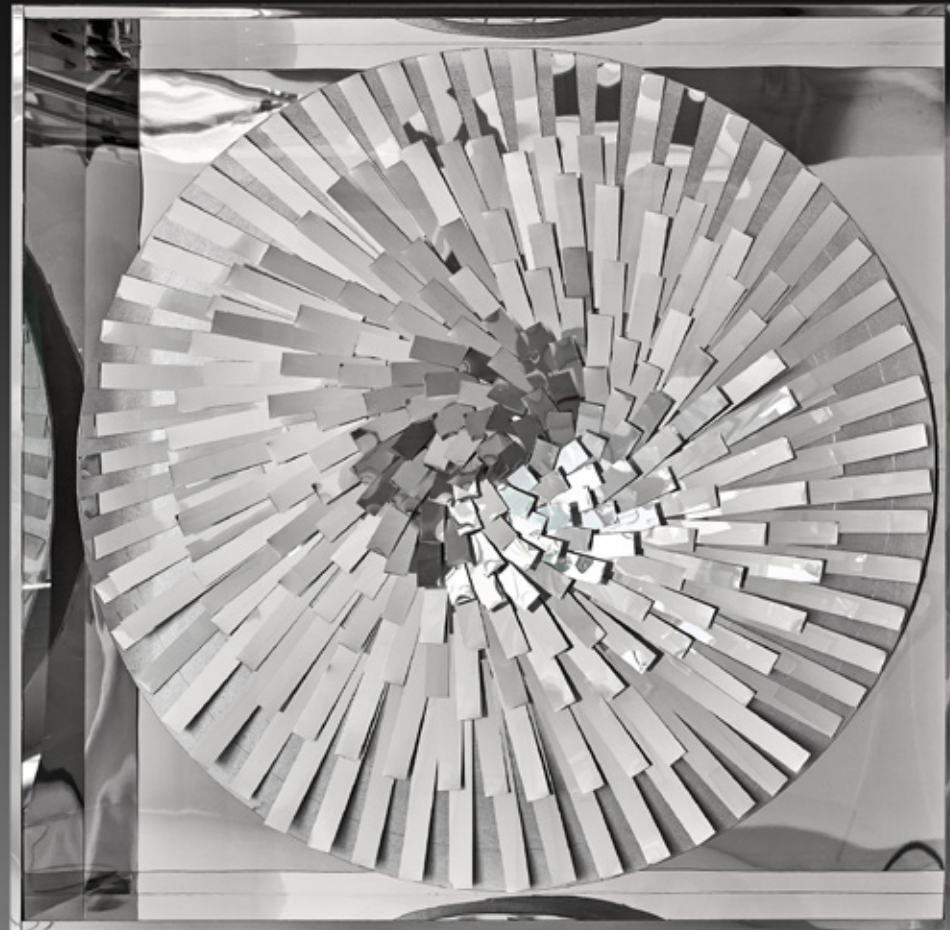
Heinz Mack em frente a seu trabalho
Kleiner Urwald, Galeria Hans Mayer, 1964



Rotors and reliefs, 1970
Pavilhão alemão da
35ª Bienal de Veneza
Veneza, Itália
photo © Heinz Mack

rotors

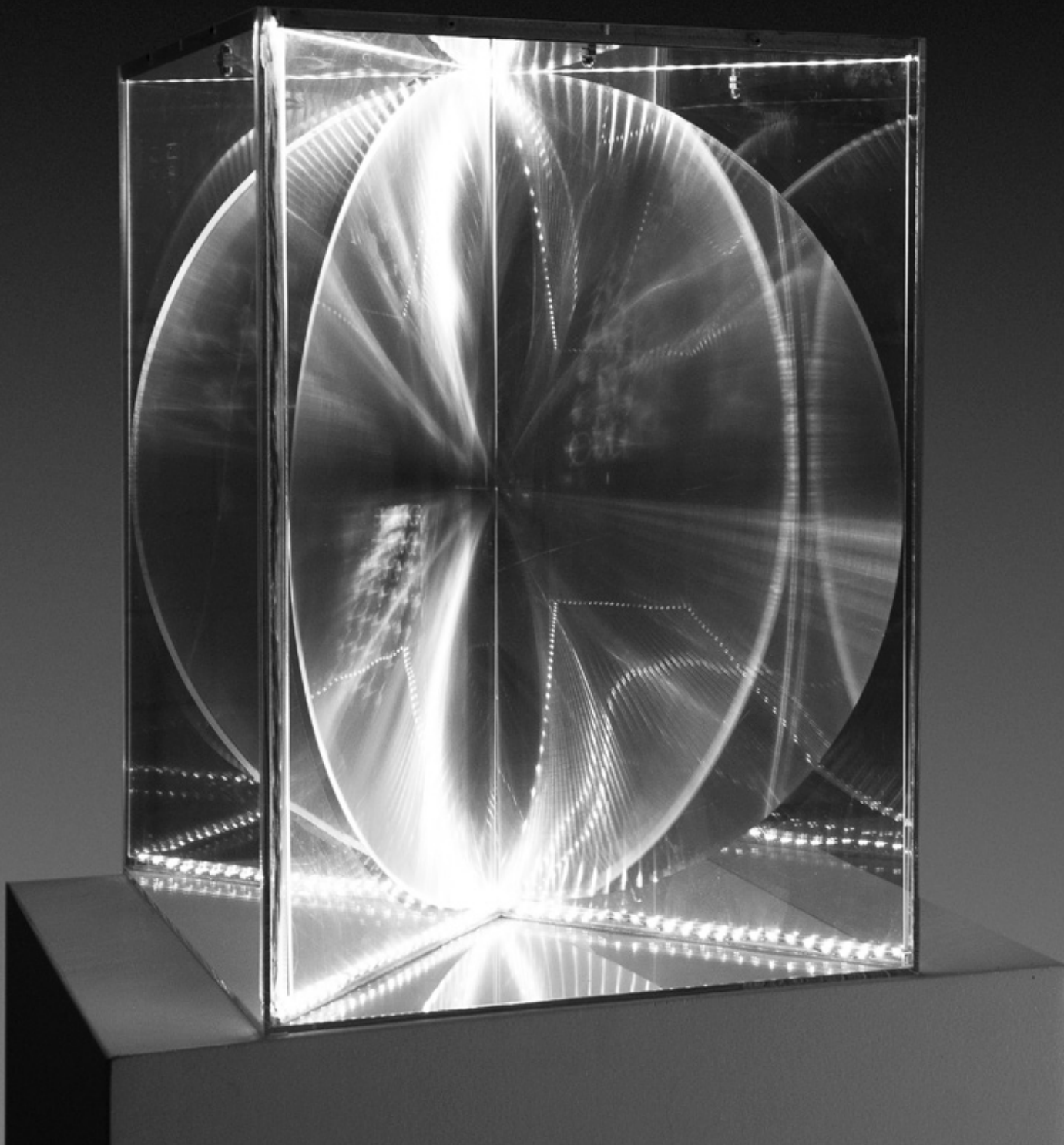
Em 1959, Mack começou a produzir suas primeiras obras cinéticas que recorriam ao movimento motorizado, as chamadas Light Dynamos, Emanations of Light, ou Rotors. Tais obras eram feitas a partir de placas texturizadas fixadas em um suporte e colocadas dentro de uma caixa que poderia ser acionada por meio de um motor de pequenas dimensões. A estrutura é fechada na parte frontal com vidro corrugado. Desse modo, uma vez colocados em movimento, os discos giratórios criam refrações de luz que tremeluzem e se transformam por meio de movimentos quase imperceptíveis, mas que ocasionalmente se viam amplificados pela luz artificial ali embutida. A partir de 1960, Mack passou a usar novos materiais como alumínio, lentes ópticas, aço inoxidável, alumínio anodizado, vidro refletivo e lentes de Fresnel, como meio de criar diferentes efeitos ópticos e cromáticos abstratos, capazes de espalhar, refletir, refratar, focar ou diversificar a luz. Desse núcleo experimental emergiu uma imensa variedade de objetos que encontram na luminescência, no movimento e na cor, elementos de coesão de uma pesquisa que visa intervir, assim como expandir, esses mesmos fenômenos estruturais.



Mirror-Rotation, 1960–2014
aço inox, acrílico, madeira e motor
150 x 150 x 25 cm
drive reverso: 20 cm
pedestal: 60 x 125 x 35,5 cm



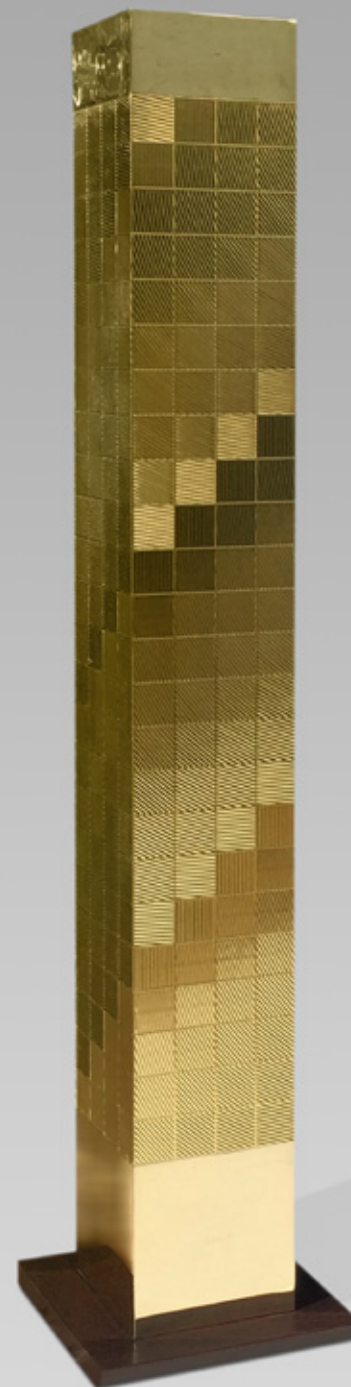
Rotor for Light and Shadow,
1966–2010
madeira, acrílico, cartão e motor
102 x 102 x 20 cm
drive reverso: 14 cm
pedestal: 60 x 70 x 36 cm



Transparency and Radiance, 2009
acrílico, lentes Fresnel e eletricidade
63 x 44,5 x 44,5 cm

estelas/colunas

É importante entender a série de esculturas colunares de Mack no âmbito de suas expedições ao Saara, iniciadas em 1959. A ideia surgiu da necessidade do artista de se livrar daquilo por ele descrito como um ambiente superpovoado – repleto de estruturas feitas pelo homem, sejam móveis, edifícios e até as próprias pessoas – que impedia suas obras de terem independência e liberdade. No Saara, o artista encontrou um território vasto, ainda não domesticado pela civilização. Mack mapeou uma série de estações, onde construiu objetos e experiências no contexto daquela paisagem, criando um corpo de trabalhos historicamente à frente do seu tempo, e que mais tarde seria entendido como *Earth Art* ou *Land Art*.



Check-Stele, 1987
alúminio anodizado dourado
188 x 25 x 25 cm
suporte: 5 x 40 x 40 cm

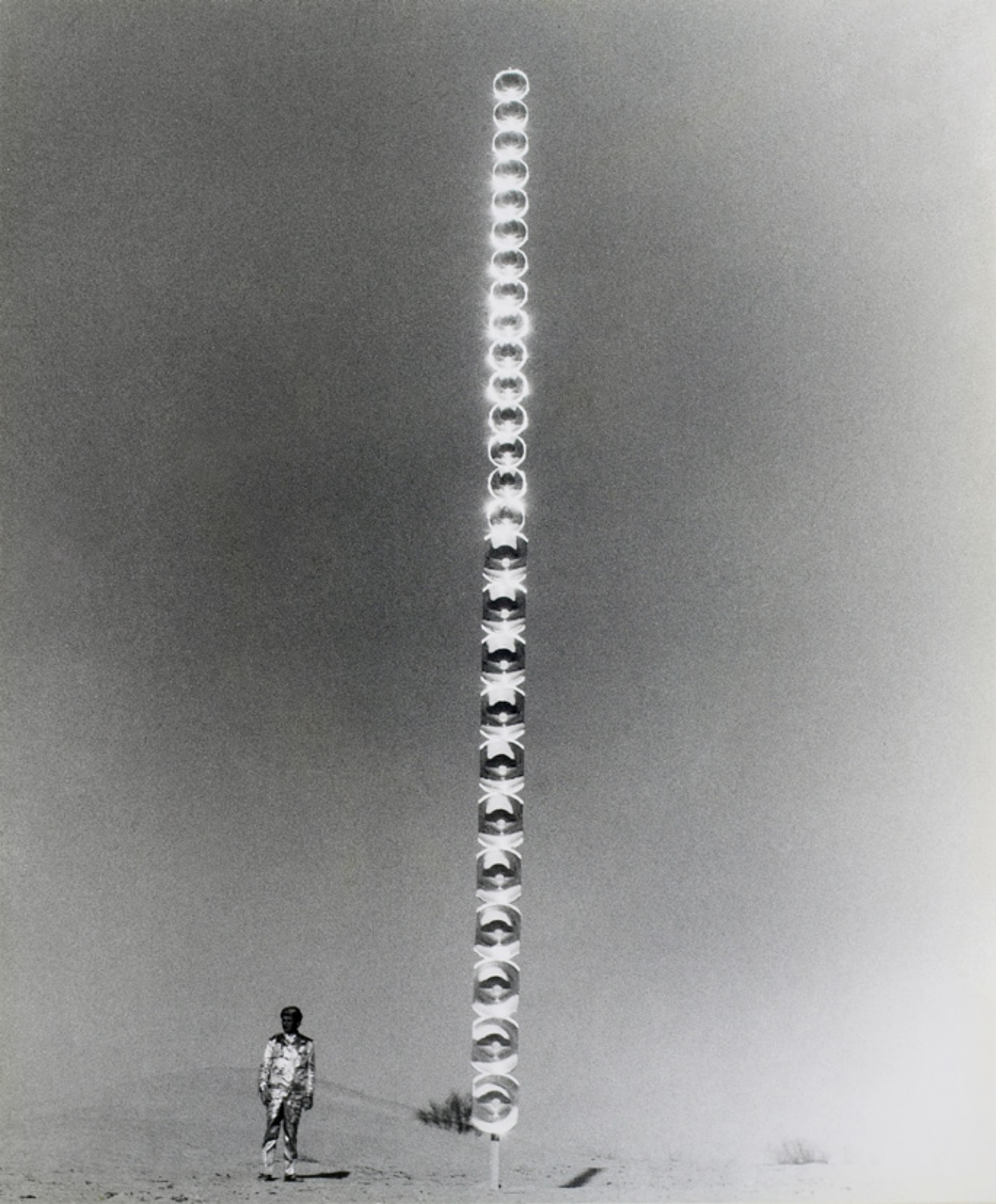
The Sky Over Nine Columns,
CAC Valencia, 2016
coleção privada
cortesia Beck & Eggeling
International Fine Art
foto: Alfonso Calza



Mack projetou e ergueu colunas de luz, esculturas monumentais construídas como estruturas verticais, cobertas por espelhos, lentes de Fresnel e prismas, que estabeleciam relações com a intensa luz natural do deserto – intensificando-a ainda mais, desencadeando vibrações e capturando, ou melhor, materializando-a no espaço. Em seguida, o artista desenvolveu uma grande obra caracterizada por esculturas em forma de colunas, ou estelas – espécie de monólito vertical erigido por antigas civilizações –, resultado do seu esforço em investigar e se engajar com a intensidade da luz natural. As esculturas que se seguiram buscaram materializar essa matéria no espaço, ao mesmo tempo em que expandiram essa experiência a outros tipos de espaços – interior e exterior, pequeno e vasto, iluminado e escuro –, agenciando diferentes elementos e escalas.

Heinz Mack durante as filmagens
de TELE-MACK, 1968
foto © Edwin Braun





Estela de luz no Saara, 1968

Light-Rain, 2002
aço inox e acrílico
205 x 35 x 9 cm
suporte: 3 x 36 x 52 cm



Jardim de esculturas do artista
Mönchengladbach, Alemanha
foto © Heinz Mack





pinturas

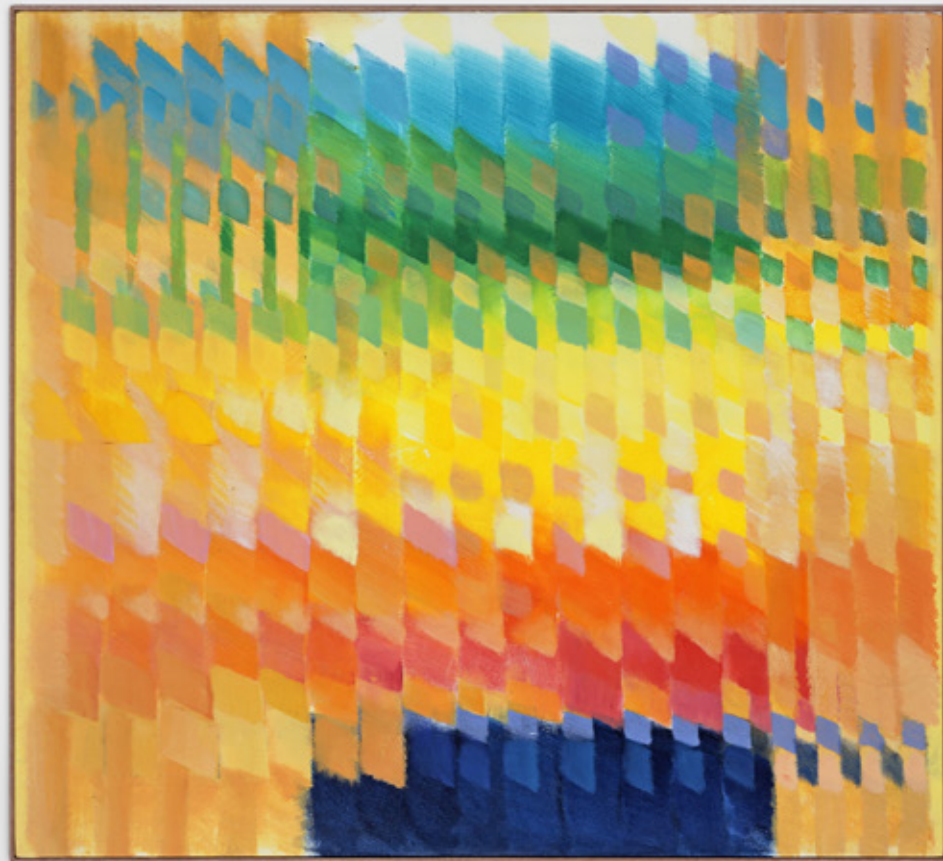
Em 1963 Heinz Mack abandonou a pintura, após as experimentações com essa linguagem no Grupo ZERO. Apenas mais de duas décadas depois, em 1990, durante uma viagem à Ibiza – “ilha de luz, onde tudo é envolto, tocado, acariciado e, por fim, dominado por ela”, segundo Mack –, ele encontrou uma nova fonte de inspiração. Essas novas pinturas exploravam temas recorrentes com os quais Mack vinha se envolvendo de forma metódica e implacável em outros corpos de trabalho, a saber: luz, cor e ritmo. Nesse processo pictórico, ele entrelaça o gesto intuitivo e o repouso meditativo.

Sem título (Chromatic Constellation)
[detalhe], 2019
tinta acrílica sobre tela
158 x 240 x 3 cm

Sem título
(Chromatic Constellation), 2019
tinta acrílica sobre tela
158 x 240 x 3 cm



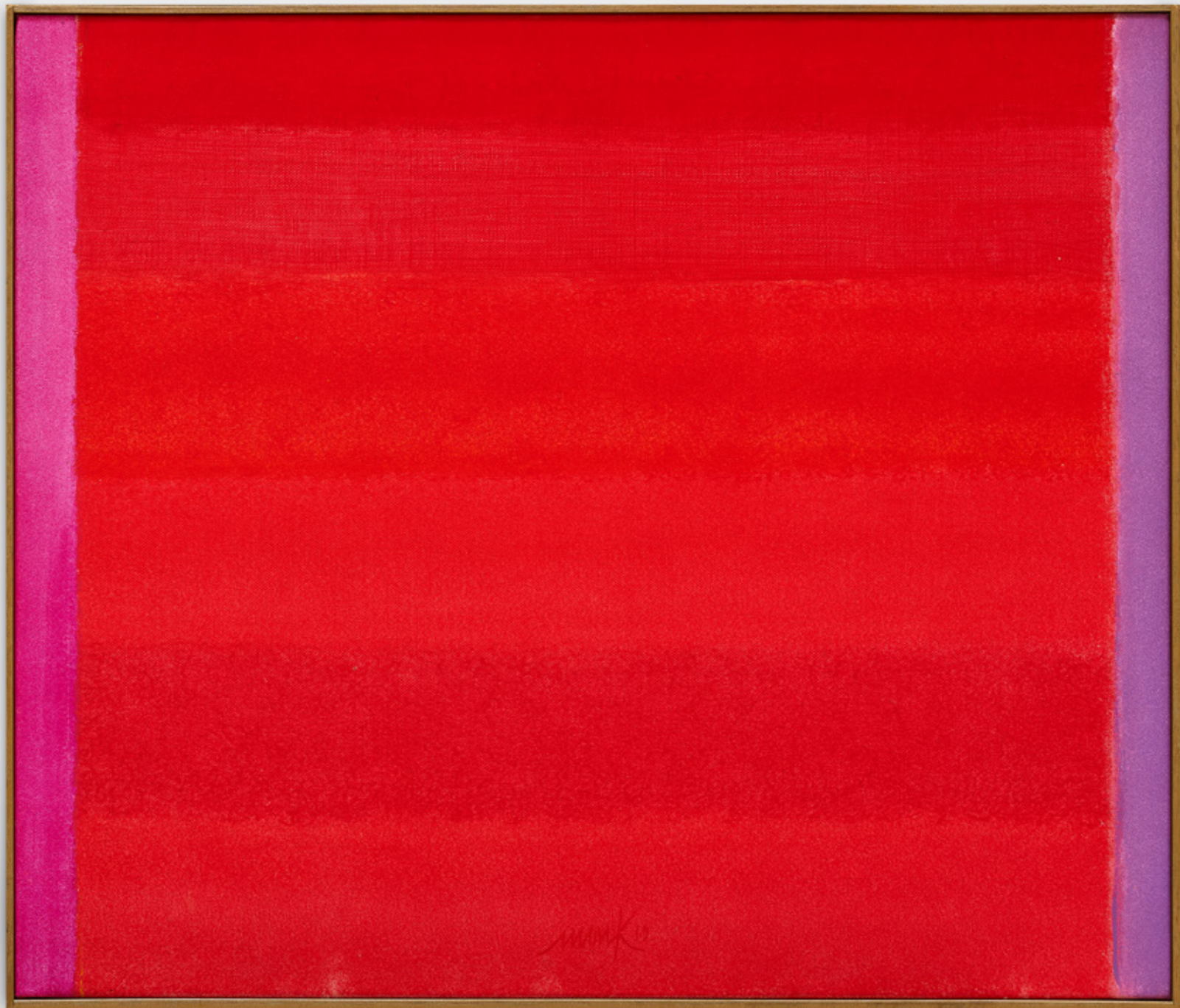
The Painter's Garden
(*Chromatic Constellation*), 2001
tinta acrílica sobre tela
132 x 144,5 x 2,5 cm

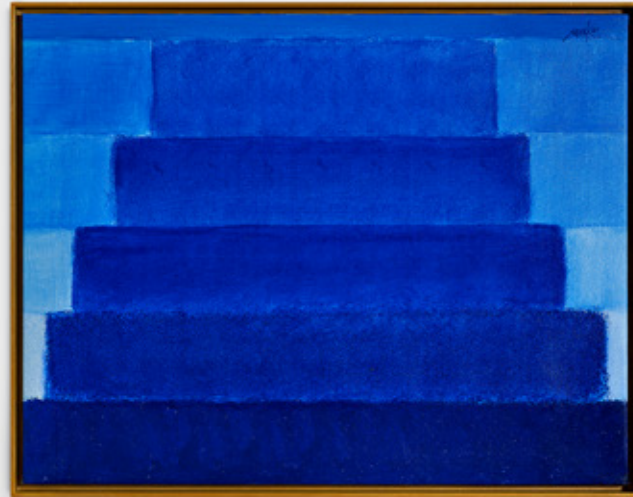




Sem título
(*Chromatic Constellation*), 2019
tinta acrílica sobre tela
69 x 81 x 3 cm

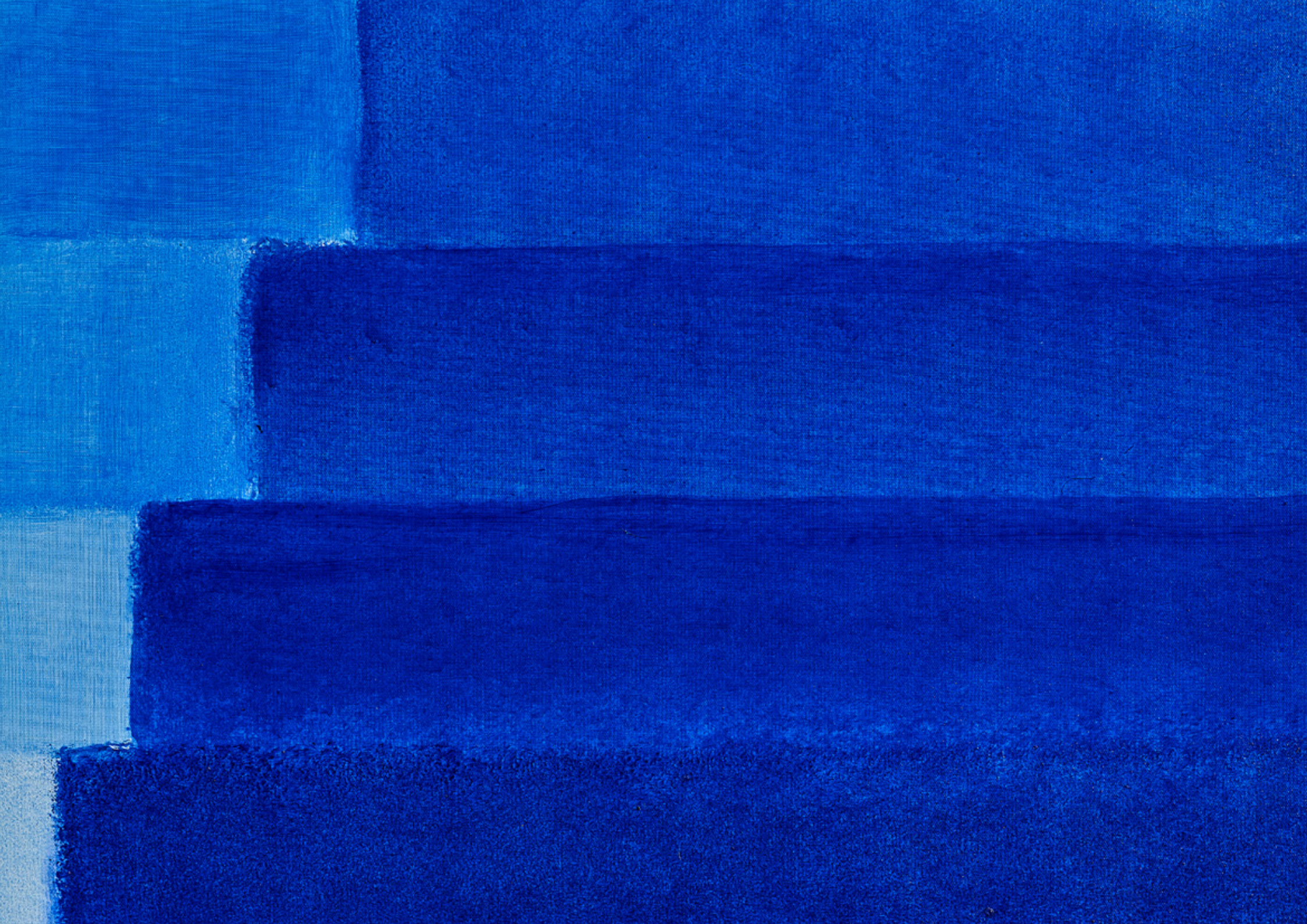






Nas palavras do artista: “Sempre fui fascinado pela pintura quando ela está repleta de luz. Mas, para mim, a pintura é também mais do que isso: é o primeiro plano de um espaço infinitamente profundo e negro, no qual a luz e a cor se revelam inseparáveis. A identidade entre luz e cor, tornada visível no espectro, é o tema da minha pintura – é o seu único tema.” Por meio de sua pintura, o artista entrelaça luz, cor e movimento de forma intrincada, para que um exista e se valorize pelas qualidades dos outros. Essas obras de Mack caracterizam-se pelo uso cromático de alta consistência, ancorando sua prática na modulação de cor de modo a alcançar aquilo que ele define como vibração cromática.

Sem título
(Chromatic Constellation), 2020
tinta acrílica sobre tela
82 x 104 x 4 cm





Fiesta en España
(*Chromatic Constellation*), 2002
tinta acrílica sobre tela
114,5 x 134 x 2 cm





heinz mack

n. 1931, Lollar, Alemanha

vive e trabalha entre Mönchengladbach, Alemanha e Ibiza, Espanha

Ao longo da sua carreira, Heinz Mack tem desenvolvido uma prática ancorada nas investigações sobre a luz, a temporalidade e o movimento. Sua abordagem original pode ser vista em instalações, esculturas e trabalhos em papel.

Mack iniciou sua carreira na década de 1950, quando fundou, ao lado de Otto Piene, o Grupo ZERO (1957–1966), ao qual mais tarde viria se juntar Gunther Uecker, em 1961. O objetivo do coletivo estava em criar um espaço desprovido de estruturas prévias, um lugar silencioso no qual poderiam se originar novas possibilidades. Mack também manteve contato próximo com Yves Klein, com quem desenvolveu uma grande amizade que os levariam a colaborar em inúmeras ocasiões, e que seria responsável por lhe apresentar a Jean Tinguely, revelando um universo de experimentações que informaram sua própria busca pela pureza estética, pelo essencial. O próprio artista sintetiza: “O objetivo é alcançar a clareza pura, grandiosa e objetiva, livre da expressão romântica e arbitrariamente individual. Em meu trabalho eu exploro e busco fenômenos estruturais, cuja lógica estrita eu interrompo ou amplio por meio de intervenções aleatórias, ou seja, de eventos fortuitos.”

O trabalho de Heinz Mack caracteriza-se por estabelecer relações inovadoras com a luz. Tomando-a como matéria, ele identifica e explicita os modos como ela afeta e é afetada pelo movimento, pelo espaço e pela cor. Tendo esses preceitos como núcleo de sua prática, o artista tem desenvolvido de forma rigorosa e arguta um conjunto de obra multifacetado que continuamente aponta para novos horizontes na arte. Desde o início de sua carreira, Heinz Mack tem participado de grandes exposições internacionais, incluindo duas edições da Documenta de Kassel (1959 e 1964), chegando a representar a República Federal da Alemanha na 35ª Bienal de Veneza (1970). Mack também foi agraciado com vários prêmios, incluindo o Prêmio Marzotto (1963), o 1o Prix Arts Plastiques na 4ª Bienal de Paris (1965), e a Grã-Cruz ao Mérito com Estrela da República Federal da Alemanha (2011).

exposições individuais selecionadas

- *Taten Des Lichts: Mack & Goethe*, Goethe-Museum, Düsseldorf, Alemanha (2018)
- *Heinz Mack – From Time to Time. Painting and Sculpture, 1994–2016*, Palais SchönbornBatthyány, Viena, Áustria (2016)
- *Mack – Just Light and Color*, Sakip Sabanci Museum, Istambul, Turquia (2016)
- *Heinz Mack – The light of my colors*, Museum Ulm, Ulm, Alemanha (2015)
- *Mack – The Language of My Hand*, Museum Kunstpalast, Düsseldorf, Alemanha (2011)
- *Heinz Mack – Licht der ZERO-Zeit*, Ludwig Museum im Deutscherherrenhaus, Koblenz, Alemanha (2009)

exposições coletivas selecionadas

- *AThe Sky as Studio – Yves Klein and his contemporaries*, Centre Pompidou, Metz, França (2021)
- *Visual Play*, Wilhelm Hack Museum, Ludwigshafen, Alemanha (2018)
- *New Beginnings: Between Gesture and Geometry*, The Georgem Economou Collection, Atenas, Grécia (2016)
- *Facing the Future. Art in Europe, 1945–68*, Palais des Beaux Arts, Bruxelas, Bélgica (2016)
- *ZERO: Let Us Explore the Stars*, Stedelijk Museum, Amsterdam, Holanda (2015)
- *ZERO: Countdown to Tomorrow, 1950’s–60’s*, The Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, Estados Unidos (2015)
- 35th Venice Biennale, Veneza, Itália (1970)

coleções selecionadas

- Albright-Knox Art Gallery, Buffalo, Estados Unidos
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington DC, Estados Unidos
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, Estados Unidos
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, Estados Unidos
- Tate, Londres, Reino Unido

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

info@nararoesler.art